



Fábio Luis Costa Lima

**A agressividade dos lutadores fora dos tatames:
“O caso do Jiu-jitsu”.**

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de Bacharelado em Treinamento Esportivo, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof.Dr. Paulo Ferreira de Araújo.

Campinas
2001





“Carpinteiro do universo inteiro eu sou. O meu egoísmo é tão egoísta, e o auge do meu egoísmo é querer ajudar...

Mas não sei porque nasci pra querer ajudar, a querer consertar aquilo que não pode ser...

Não sei pois nasci para isso, e aquilo é o enguiço, de tanto querer, carpinteiro do universo inteiro eu sou assim...

...no final, carpinteiro de mim !

(Raul Seixas / Marcelo Nova)

“Mudaram as estações e nada mudou, mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo assim tão diferente. Se lembra quando a gente tentou um dia acreditar, que tudo era pra sempre sem saber que o pra sempre, sempre acaba. Mas nada vai conseguir mudar o que ficou...

(Renato Russo)

“Violência é a expressão manifesta, viva e principalmente física da agressão. Agressão é inata ao ser vivo, violência não.

(Pereira, 1975)

“Às vezes, o melhor golpe de defesa pessoal é dar as costas e ir embora. Só isso, entendeu? (...) Não aceita a provocação e vai embora. Isto é uma reação também.”

(Redley Vigio)

“Temos que continuar nossa luta para ter o jiu-jitsu no patamar merecido, e reconhecido como uma arte de defesa que promove mudanças comportamentais através do equilíbrio e da autoconfiança, nunca da agressividade.

(Mestre Flávio Behring)

Resumo

Minha vivência como praticante de jiu-jitsu e o alto grau de relevância que o mesmo possui no meio das artes marciais, além de que alguns fatos têm contribuído para denegrir a imagem dessa arte marcial que inicialmente tem como filosofia o equilíbrio o respeito e o autocontrole, levam-me a inquietação e escolha desse tema: A agressividade dos lutadores fora dos tatames – o caso do jiu-jitsu, como forma de investigação, que me permitirá compreender o fenômeno. O jiu-jitsu, que significa “Arte Suave”, é um esporte intelectualizado, tendo em vista sua complexidade e é considerada a luta mais abrangente que existe, pois nela há uma grande variedade de técnicas, tais como: golpes traumáticos, golpes nas articulações e estrangulamentos. Com o sucesso alcançado pela família Gracie no Brasil e no exterior, o jiu-jitsu se difundiu rapidamente tornando-se muito rentável e gerador de lucro garantido para que investir nele, com isso academias e “mestres” nessa arte começaram a surgir por todos os cantos do país. Esse total descontrole, acabou por culminar com a baderna generalizada e uma série de episódios lamentáveis envolvendo lutadores de jiu-jitsu.

Com a conclusão desse trabalho, pude tomar algumas conclusões como: a falta no Jiu-jitsu de tradições, filosofia e disciplina – além de uma maior troca de informações e experiências entre os professores, pois todos possuem um conceito plausível de violência – seus limites e definição –, além de, pelos menos nos depoimentos não demonstrarem incitar a prática da mesma.

Para os professores os maiores elementos instigadores de violência são: maus professores, a impunidade, a mídia, os esteróides anabolizantes, falta de controle emocional e psicológico, falta de controle das federações graças ao crescimento desordenado do Jiu-jitsu brasileiro.

Podemos concluir então, analisando as opiniões dos professores entrevistados que o jiu-jitsu em si não influencia o comportamento agressivo dos atletas e sim esses outros fatores.

Sumário:

Introdução	2
<i>- Capítulo I</i>	
A problematização:	4
Explicação do desenvolvimento do trabalho	6
<i>- Capítulo II</i>	
Histórico	7
<i>-Capítulo III</i>	
Violência nos Esportes	10
<i>-Capítulo IV</i>	
Materiais e Métodos	15
Sujeitos da pesquisa	15
Caracterização dos entrevistados	16
Transcrição das Entrevistas	17
<i>-Capítulo VI</i>	
Análise das Entrevistas	30
Análise dos dados	35
<i>-Capítulo VIII</i>	
Considerações Finais	38
<i>-Capítulo IX</i>	
Referências Bibliográficas	39
Anexo	40

Introdução:

Os brasileiros adoram esporte, neste século, conquistamos medalhas olímpicas e títulos mundiais em basquete, volley, automobilismo e, é claro em futebol.

Entretanto, existe um esporte ainda pouco conhecido no exterior que vem trazendo as maiores glórias para o Brasil, desde os anos 90 - o **Jiu-Jitsu** - uma arte marcial de origem oriental.

O termo artes marciais, conforme é usado atualmente, abrange uma ampla gama de atividades derivadas dos antigos estilos asiáticos de combate corpo-a-corpo. Seria lógico incluir os estilos europeus e americanos de boxe, luta livre esgrima entre as artes marciais. Afinal, também derivam de antigas técnicas de combate. Todavia, no uso corrente, somente as formas de luta asiáticas estão incluídas nas artes marciais.

Minha vivência como praticante de jiu-jitsu e meu posterior envolvimento acadêmico, além do alto grau de relevância que o mesmo possui no meio das artes marciais, além de que alguns fatos têm contribuído para denegrir a imagem dessa arte marcial que inicialmente tem como filosofia o equilíbrio o respeito e o auto-controle, levam-me a inquietação e escolha desse tema: A agressividade dos lutadores fora dos tatames – o caso do jiu-jitsu. como forma de investigação, que me permitirá compreender o fenômeno.

O jiu-jitsu, cujo significado é “Arte Suave”, é um esporte intelectualizado, tendo em vista sua complexidade, sendo considerada a luta mais abrangente que existe, pois nela há uma grande variedade de técnicas, tais como: golpes traumáticos, golpes nas articulações e estrangulamentos.

Seu aprendizado é recomendado por médicos, psicólogos e educadores como integrante da educação; como um paleativo de tensões psíquicas e ainda como fator de desenvolvimento físico. Seus movimentos regulam o controle motor atuando como efeito de psicomotricidade, de autoconfiança e de total auto-controle; condicionando velocidade de reação com segurança especialmente em situações adversas e conseqüentemente, desprovendo de complexos os seus praticantes.

As bases fundamentais para um praticante de Jiu-jitsu são: A destreza, a rapidez e a flexibilidade; além de ser uma luta que dispensa o uso de força bruta, pois utiliza-se de “um sistema de alavancas e desequilíbrio” fazendo com que o lutador se aproveite da força e do sentido do movimento do adversário, para executar seus golpes. Uma das vantagens práticas dessa luta é que ela desenvolve a agilidade de raciocínio, confiança, audácia e resistência à dor.

O “Brazilian Jiu-jitsu”, desenvolvido por Hélio Gracie, é considerado o tipo mais eficaz de jiu-jitsu entre todas as vertentes existentes e, o lutador dessa arte - por desenvolver diversas técnicas - torna-se praticamente imbatível no confronto direto com lutadores de outros tipos de artes marciais.

O jiu-jitsu é praticado em 3 formas:

Esportivo: sem golpes traumáticos (socos e chutes) ,apenas projeções , chaves (de braço, de pé , etc...) , estrangulamentos , imobilizações , torções ,etc... O jiu-jitsu esportivo é o mais praticado dentre os três estilos (inclusive é o estilo praticado por mim). É organizado e regulamentado pela Confederação Brasileira de Jiu-jitsu.

Vale-tudo: com golpes traumáticos, cotoveladas, cabeçadas , joelhadas, etc... , além das técnicas utilizadas no jiu-jitsu esportivo. É o estilo que mais vem se destacando (devido a superioridade que o Jiu-jitsu vem tendo em detrimento as outras artes marciais.) e que tem se tornado carro-chefe no marketing do Jiu-jitsu.

Defesa Pessoal: com técnicas para se defender de um agressor ,como por exemplo um assaltante, podendo se utilizar de golpes traumáticos, “é” ensinado em todas as academias de jiu-jitsu como o primeiro fundamento dessa arte.

Capítulo I

A problematização:

Com o sucesso alcançado pela família Gracie no Brasil e no exterior, o jiu-jitsu se difundiu rapidamente tornando-se muito rentável e gerador de lucro garantido para que investir nele.

Com isso academias e “mestres” nessa arte começaram a surgir por todos os cantos do país.

“Infelizmente, há um número gigantesco de professores que se intitulam mestres do nosso jiu-jitsu e nenhum deles é diplomado por mim. Muitas academias acabaram sendo tomadas por provocadores, brigões e gente que não presta. Estou desgostoso com a falta de controle, o mundo do jiu-jitsu sabe disso e faço questão de protestar contra o que está acontecendo sempre que viajo para o Brasil.” (Gracie.H,1997)

“O Jiu-jitsu entrou numa crise de imagem, grandes patrocinadores reconhecem seu retorno, mas não admitem envolvimento de suas marcas com um esporte que é rotulado de violento e repleto de maus elementos.

Fatos como a recente matéria da revista Veja (nº 1602), que expõe a intimidade da família Gracie e faz alusões a “socos e pontapés”desferidos pelo seu patriarca Carlos Gracie “nos seus desafetos”. Carlos Gracie nunca deu soco ou pontapé em quem quer que seja.

O Jiu-jitsu teve seu crescimento na elite do Rio de Janeiro. Muito tempo depois com a abertura de novas

academias, ele foi se popularizando, e hoje é praticado democraticamente em todos os níveis sociais, no país e no exterior. A imagem foi fabricada pela imprensa, graças a uns poucos praticantes desqualificados que agem em bandos para provocar anarquia. Esse número é inexpressivo considerando-se os milhares de praticantes que enchem as academias de todo o país. São pessoas (homens e mulheres) de todas as idades e classes sociais.

Existem professores que se dedicam a levar o Jiu-jitsu às classes menos favorecidas em programas comunitários e sem fins lucrativos. Há pelo menos cinco anos que todas academias de elite de todo o país têm Jiu-jitsu entre os produtos que oferecem aos alunos. Então, porque as grandes empresas se recusam a patrocinar atletas e eventos?

Recentemente fui alvo de uma discriminação dessas, apesar de representar o equilíbrio, a dignidade e a integridade como professor, educador e orientador, de todos os alunos que estão comigo e que já passaram por minha escola.

Em vista da má imagem do Jiu-jitsu, uma grande empresa mesmo desejando patrocinar-me, sentiu-se impossibilitada de fazê-lo; ainda que numa reunião de diretoria as opiniões fossem favoráveis a pessoa mas não a modalidade. Lamentável! Mas não desanimador.

Temos que continuar nossa luta para ter o Jiu-jitsu no patamar merecido, e reconhecido como uma arte de defesa que promove mudanças comportamentais através do equilíbrio e da auto-confiança. Nunca da agressividade”.

(Grande Mestre Flávio Behring).

Esse total descontrolo, acabou por culminar com a baderna generalizada e uma série de episódios lamentáveis envolvendo lutadores de jiu-jitsu.

O surgimento de uma contracultura que idolatra a violência (como a proliferação de raças caninas violentas ex: Pitbulls e Rottweillers; a formação de gangues de lutadores de academias rivais que se degladiam nas ruas etc.; têm preocupado as autoridades e movido a opinião pública contra essa arte marcial que foi criada inicialmente com a finalidade única de servir como autodefesa.

Esse trabalho visa, da melhor forma possível, esclarecer a seguinte questão:

Qual é a influência do jiu-jitsu no comportamento agressivo de alguns atletas fora dos tatames?

Explicação do desenvolvimento do trabalho:

Para a realização desse trabalho, optei pela pesquisa de campo quantitativo-descritiva (de carácter documental e exploratória) - que segundo Lakatos e Marconi: “consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou a análise das características de fatos ou fenómenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave” – com estudos de verificação de hipóteses, através da compreensão de e interpretação de pressupostos teórico-metodológicos subjacentes a modalidade e entrevistas com os professores da mesma.

Esses estudos contêm em seu projeto suposições explícitas que devem ser verificadas. Essas hipóteses são oriundas de uma teoria e por isso advêm de associações de declarações entre duas ou mais variáveis, sem necessariamente existir uma relação causal entre elas.

Como forma de associação entre as variáveis, utilizei-me de entrevistas com uma forma semi-estruturada que segue um roteiro previamente estabelecido, porém não vem a cercear totalmente entrevistador e entrevistado, permitindo, então, uma maior maleabilidade a fim de adaptar as respostas e as perguntas de acordo com situações específicas.

Os entrevistados selecionados foram professores que vêm atuando em clubes ou academias na região de Campinas, porém seus nomes permanecerão ocultos, com a finalidade de permitir-lhes uma maior liberdade, bem como uma maior veracidade nas respostas.

CAPÍTULO II

Histórico:

Há uma considerável controvérsia a respeito das origens e da história das artes marciais. Existem registros de métodos de lutas similares sendo praticadas em diversos países pelo menos desde 2000 a.C. Mas, considere-se que as técnicas especificamente asiáticas chegaram à China através da Índia e do Tibet. E da China, o conhecimento de várias formas de combate sem armas estendeu-se a outras regiões asiáticas. Embora o Japão possa ter sido o último país a adquirir as artes marciais, com exceção do Kung-fu, são as formas japonesas que se tornaram mais populares e mais amplamente praticadas no mundo ocidental.

O Jiu-Jitsu teve origem na Índia, aproximadamente em 2000 a.C., criado pelos monges indianos que eram constantemente atacados por inimigos. Como eles não podiam usar armas, que era contra seus princípios religiosos, desenvolveram técnicas de defesa pessoal. Só que, por possuírem um porte físico muito fraco, suas técnicas não poderiam, de modo algum, utilizar força, já que neste aspecto eles estariam em desvantagem.

Sendo assim, os monges criaram movimentos em que a própria força dos adversários pudesse ser aproveitada, utilizando “sistemas de alavanca e desequilíbrio”. Estava criada a “Arte Suave”.

A disseminação do Jiu-jitsu pela Ásia viria séculos mais tarde quando (cerca de 250 a.C.), reinou na Índia Devanampriya Priyadarsim, conhecido como rei Asoka – dois séculos depois de Buda. Abraçado ao Budismo, Asoka desenvolveu-o criando milhares de monastérios dentro e fora da Índia. Desta maneira, o budismo e, com ele o jiu-jitsu, atingiram o Ceilão, a Birmânia e o Tibet. Depois, o Sião e todo o sudeste da Ásia. Posteriormente, a China, e, finalmente por volta do ano 200 a.C., o Jiu-jitsu chegou ao Japão, onde cresceu e tomou grande impulso, foi aperfeiçoado e ficou escondido dos outros povos até o final do século passado.

A morte do rei Asoka trouxe funesta conseqüência para o Budismo e, conseqüentemente para o Jiu-jitsu. Os brâmanes, (adoradores da religião de Deus Brama, que floresceu antes do Budismo), sentindo-se prejudicados pelo espírito da religião Budista, moveram pertinaz campanha até conseguir expulsar os monges budistas do solo indiano; razão da pouca influência do Jiu-jitsu na Índia.

Um grande número de sistemas de luta diversos que se desenvolveram no Japão é conhecido pelo termo genérico de Jiu-jitsu. Entre os tipos de Jiu-jitsu, há dezenas de estilos principais. Se contarmos também os sub-estilos, existem literalmente centenas de tipos diferentes de Jiu-jitsu. Por esse motivo, não é correto referir-se a qualquer um como o autêntico ou oficial.

Há 100 anos os japoneses abriam seus portos e iniciavam o comércio com os ingleses. Estes ficaram maravilhados com essa nova visão de luta corpo a corpo. Mas os japoneses não ensinavam aos ocidentais as técnicas dessa luta, pois era considerado crime contra o Império, como uma espécie de lei de segurança nacional. Devido à insistência dos ingleses em aprender essa arte, os japoneses ensinaram parte do jiu-jitsu (excluindo as técnicas mais mortais), uma luta desenvolvida por Jigoro Kano e mais tarde chamada de Judô.

O jiu-jitsu chegou ao Brasil em 1914, quando Esai Maeda, também conhecido como Conde Koma, chefe de uma colônia de imigração japonesa, veio para o Brasil, mais especificamente para Belém do Pará).

Maeda tinha sido campeão de Jiu-jitsu e logo se tornou amigo de Gastão Gracie que, então, tinha atividades diplomáticas. Como demonstração de amizade, Maeda ensinou ao filho de Gastão, Carlos Gracie, a arte do Jiu-jitsu. Carlos por sua vez, passou a seus

irmãos essas tradicionais técnicas. E, apesar de sua constituição física, com menos de 60 quilos, Hélio o mais jovem, foi o que mais se destacou.

Por volta de 1920, Carlos, o irmão mais velho de Hélio, decidiu levar toda a família para o Rio de Janeiro, abrindo a Academia Gracie de Jiu-Jitsu.

Durante esse tempo, Hélio estava relegado aos bastidores devido à sua condição física, olhando e esperando para fazer parte daquela vida excitante que agora era vivida por Carlos e seus outros irmãos.

Tudo isso, porém, mudou logo depois que Hélio completou 16 anos. Uma tarde, estando ele na academia dos irmãos, ficou sabendo que um dos alunos de Carlos tinha chegado e que Carlos não estava presente. Preocupado com a reação do jovem estudante e, temendo que ele pudesse ir embora, desistindo da academia, ofereceu-se para começar a aula. Hélio vinha observando seus irmãos no ensino do Jiu-jitsu há anos e estava seguro que poderia perfeitamente passar os ensinamentos para os alunos.

De fato, quando a aula terminou, Carlos chegou, esbaforido, desculpando-se pelo atraso. “Tudo bem”, disse o aluno. “Seu irmão deu-me uma ótima aula e, se você não se importar, gostaria que ele fosse meu professor, a partir de agora”.

“Não foi fácil. Como eu só assistia às aulas, explicava o golpe e mandava o aluno executar, mas na hora em que eu mesmo ia fazer, não conseguia.

Foi assim em função da necessidade, que desenvolvi uma série de modificações no jiu-jitsu, hoje usadas em vários cantos do mundo.

Os movimentos que eu faço não precisam de força, ao contrário dos movimentos de jiu-jitsu feitos no mundo inteiro, eles são baseados em alavancas. À medida em que comecei a praticar, fui fazendo disso uma escola. Comecei a ensinar os alunos a fazerem como eu.”

E assim teve início uma excitante carreira nas artes marciais que, nos últimos 67 anos, mudou o ponto de vista dos bons lutadores, que passaram a ver o que era prático e o que não era, no sistema de autodefesa.

CAPÍTULO III

Violência nos esportes

Hoje em dia, há diversos trabalhos científicos , acadêmicos ou não que discorrem sobre o tema agressividade nos esportes , autores como Cratty & Pigott, Balague, Carvalho, Samulski possuem diversas teorias sobre a conduta agressiva de alguns atletas durante a prática esportiva. Entendo que, por se tratar de um estudo onde pretendo verificar entre outros, se os atletas agressivos já possuíam a agressividade arraigada antes de iniciarem a prática de sua modalidade, não me aterei à tantos conceitos e diferentes autores no que tange a psicologia da agressividade em si, e suas ramificações e somente utilizarei-me de algumas definições de autores consagrados:

A agressividade, hostilidade e raiva são componentes do comportamento emocional. Pode-se afirmar que são fenômenos únicos, que variam de indivíduo para indivíduo em decorrência de uma série de fatores internos e externos.

Segundo Brandão (1995), a regulação do comportamento agressivo estaria relacionada a três estruturas, especialmente: os bulbos olfatórios, associados à percepção de sinais olfatórios e à inibição tônica da reatividade do organismo; o septo, cuja lesão proporciona a hiperatividade e facilita a agressão; as fibras serotoninérgicas ascendentes, originada nos núcleos de Rafe, também vêm desempenhar o papel associativo entre os significados das informações sensoriais e a reação emocional. Ainda são apontadas outras áreas tais como a amígdala, córtex temporal e o hipotálamo ventro medial, que estariam relacionadas a agressividade.

O comportamento agressivo é idêntico em homens e mulheres, ou seja, os circuitos neurais responsáveis pela reação de raiva são os mesmos. Pode-se apontar, contudo, diferenças entre os sexos relacionadas às situações em que tais comportamentos

são manifestos e os mecanismos hormonais que desencadeiam ou inibem a agressividade. Atualmente são encontradas diferentes teorias relacionadas à agressão. Dentre elas a posição psicanalítica, a etológica, além das teorias do "drive" e da aprendizagem social.

Freud apresentava dois conjuntos de instintos: os de vida (Eros), compreendendo a sexualidade e auto-preservação, e os de morte (Thanatos), relacionados a morte, agressão e destruição. Assim sendo, os comportamentos agressivos seriam resultados de impulsos à destruição, atendendo aos instintos de morte.

A etologia, representada por Konrad Lorenz (1966), também compreende a agressão como um instinto indispensável para o progresso, para proteção e precisa ser descarregado, para o próprio benefício da pessoa e do grupo. Isto é, a inibição do impulso agressivo implicaria no acúmulo de energias, prejudicando a pessoa.

Segundo a teoria dos "drives", a agressão não seria uma energia inata, mas sim resultados de um drive (motivo) produzido pela frustração. Esta teoria, juntamente com a Psicanálise e a Etologia, considera a agressão inevitável, tornando necessária a expressão da mesma.

A aprendizagem social destaca o papel dos modelos na aprendizagem dos comportamentos. As experiências aversivas (frustração) e as conseqüências cognitivamente antecipadas levam à excitação emocional difusa, podendo causar diferentes condutas (agressão ao meio, autopunição ou fuga) de acordo com o histórico de aprendizagem de cada indivíduo.

À luz destas perspectivas, a Psicologia do Esporte apresenta diversas contribuições para a compreensão da relação entre agressividade e esportes.

Suay, Salvador, González, Sanchis, Simón e Montoro (1996) afirmam que a discussão a respeito da prática desportiva exacerbar ou não o comportamento agressivo depende da perspectiva teórica que está sendo adotada. Assim sendo, se a agressão é compreendida como um impulso biológico que deve ser exteriorizado, os esportes, principalmente as lutas, seriam a forma ideal de canalizar este impulso. Já se a agressão é entendida como um comportamento aprendido, a prática de esportes de combate pode ser considerada um facilitador de comportamentos agressivos. As tendências agressivas podem ser estimuladas ou dissipadas por situações de esportes. Se a necessidade individual

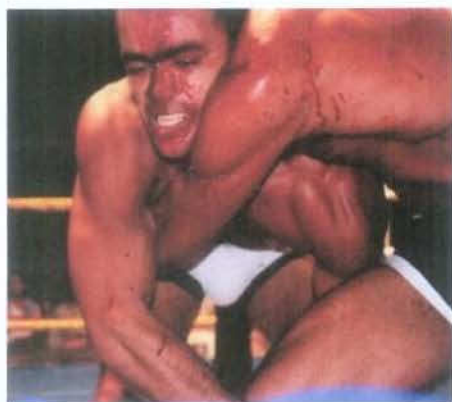
por expressões de raiva é elevada e o esporte produz muitas situações frustrantes é muito provável que a hostilidade seja estimulada. Por outro lado, se o indivíduo apresenta baixa necessidade de agressão ou recebe respostas positivas do meio de treinamento (apoio ou conquistas), sua hostilidade pode ser reduzida.

É apontado, ainda, que os esportes podem ser um modo socialmente aceito de apresentar condutas agressivas. O atleta que apresenta maior motivação para agressividade pode encontrar no esporte um meio de expressar seus impulsos (Husman e Silva, 1984).

A competitividade pode ser um dos traços determinantes do comportamento agressivo em práticas desportivas, não somente em combates. Trulson (1986)⁴ sugere em seus estudos que o aumento de agressividade depende da maneira como são transmitidos os ensinamentos do esporte, observando que os praticantes recebendo uma orientação mais competitiva apresentavam uma conduta mais agressiva que aqueles que eram orientados para o aperfeiçoamento das técnicas.

A disputa desportiva coloca o sujeito em contato com a possibilidade de perder, ou seja, frustração de seus objetivos (vitória). Neste momento são testadas as habilidades e capacidades que este indivíduo conseguiu desenvolver ao longo de seu treinamento. Da mesma forma como uma pessoa pode apresentar comportamentos positivos, tais como enfrentamento ou disposição, outra pode criar ansiedade, insegurança ou até agressividade.

As teorias sobre agressividade também apresentam, cada uma a seu modo, a relação entre a expressão de raiva e a frustração. A repressão de um impulso, ou uma resposta punitiva do meio podem desencadear comportamentos de agressão externa, seja como forma de alívio da tensão produzida pela não manifestação da energia ou representando uma parte do histórico de aprendizagem social daquele indivíduo.



“Todo comportamento que fere ou traz prejuízo a outrem é uma agressão”.

Buss (1961)



“A agressão consiste em dirigir estímulos nocivos de forte intensidade, provocando ferimentos físicos ou morais”

Bandura (1963)



“Sob o ponto de vista da vítima, tudo o que provoca dano a alguém é uma agressão. Se nos colocarmos do ponto de vista do agressor, devemos considerar a motivação e o objeto do comportamento.

M.Gabriel (1987)



“Todo esporte é uma atividade de grupo organizada e centrada na competição entre as partes e exige algum tipo de esforço físico. Esse confronto se realiza segundo um conjunto de regras conhecidas , incluindo-se nos casos em que se permite o uso da força física – as que definem o uso da violência permitidos”

Elias/Dunning (1986)

Utilizarei-me de uma tabela apresentada por Samulski (1992) que apresenta determinantes gerais e específicos do comportamento agressivo no esporte.

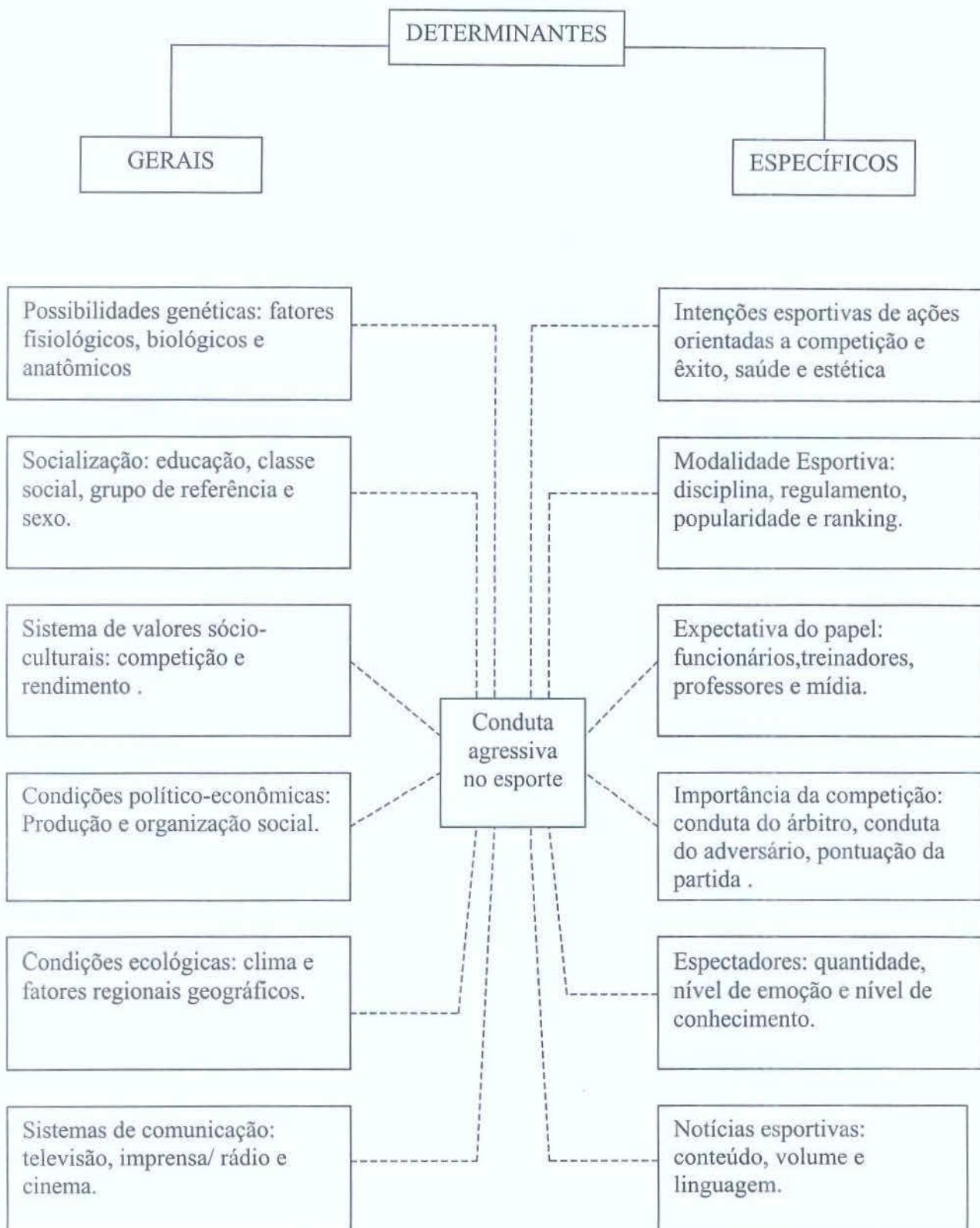


Figura: Determinantes gerais e específicos do comportamento agressivo no esporte (Pilz & Trebels apud SAMULSKI, 1992: 104).

Utilizando-me dos conceitos de agressividade e seus determinantes, passarei a relatar as entrevistas, e posteriormente a análise dos dados.

Capítulo IV

Materiais e métodos:

Como foram coletados os discursos:

Os discursos foram coletados pelo pesquisador, gravados em fitas magnéticas (K7), com autorização dos entrevistados, para maior garantia e precisão das descrições. O local destas gravações foram academias onde é ministrado o jiu-jitsu.

Os sujeitos da pesquisa:

Os sujeitos dessa pesquisa foram professores de Jiu-jitsu que atuam em academias ou em clubes na região de Campinas.

Transcrição dos dados

Compilação dos conteúdos

Caracterização dos entrevistados:

Para análise de dados, preferi ocultar a identidade dos professores entrevistados a fim de preservar suas opiniões e deixá-los mais à vontade ao responderem os quesitos da entrevista, buscando manter esse anonimato, optei por atribuir os números I, II, III, IV e V aos professores respectivamente.

<i>Entrevistado</i>	<i>Formação</i>	<i>Ingresso no jiu-jitsu</i>	<i>Envolvimento</i>	<i>Graduação</i>
PROFº I	Superior Completo (Ed. Física)	1961	Profº. ProfºUniversitário	Faixa Preta 5º grau (CBJJ)
PROFº II	Superior Completo (Ed.Física)	1980	Professor	Faixa Preta 1º grau
PROFº III	2º grau Completo	1976	Professor Atleta	Faixa Preta
PROFº IV	Superior Incompleto (E.F.)	1991	Professor Atleta	Faixa Preta
PROFº V	Superior Completo (E.F.)	1993	Professor Atleta	Faixa Preta 1º grau

Transcrição das Entrevistas:

1ª Questão:

No seu entendimento qual é a filosofia do jiu-jitsu?

Professor I: O jiu-jitsu não tem uma filosofia determinada , eu acho que isso é uma grande perda , porque todas as artes marciais possuem uma filosofia , o próprio judô que é derivado do jiu-jitsu , o aikidô e outras artes marciais. Mas a filosofia que nós empreendemos no jiu-jitsu é o praticante conhecer a arte e procurar fazer um bom uso dela, ter consciência do seu potencial físico, psicológico, técnico, e usar essas qualidades para o bem, para tentar fazer com que ele tenha uma vida melhor, melhorar sua qualidade de vida através da prática do jiu-jitsu.

Professor II: Bom , eu acredito que a filosofia que deva ser passada pelo jiu-jitsu e que vem desde a época dos samurais, e talvez até anteriormente, lá da Índia antiga, é: Ter um espírito flexível, uma mente aberta, seguindo sempre a máxima de “ceder para vencer”, quaisquer que sejam as circunstâncias.

Professor III: A filosofia para mim do jiu-jitsu seria a não violência, a disciplina, a arte suave, o “KA” , etc...

Professor IV: Na minha opinião a filosofia do jiu-jitsu é : você saber como lidar com situações adversas, e estar conseguindo muitas vezes sair dessas situações e estar modificando isso a seu favor.

Professor V: Bom, o jiu-jitsu é uma arte marcial que visa a segurança do atleta, é normal do atleta, da pessoa que vem praticar, que ela possa se defender e também praticar um esporte que faça bem à saúde que vai melhorar a parte cardio-vascular, vai dar uma moldada no corpo, trabalhar a definição dos músculos, então, é um esporte ideal no que avalia a parte física, a parte de saúde com a parte de defesa pessoal.

2ª Questão:

Quais foram os motivos que motivaram o seu ingresso no jiu-jitsu?

Professor I: Eu entrei no jiu-jitsu, comecei com o Jorge Gracie em 1961. Meu pai havia estudado no Rio de Janeiro , fazendo faculdade de medicina ele conheceu os Gracies , assistiu no Maracanãzinho competições de vale-tudo , e quando Jorge Gracie foi para o interior do estado de São Paulo – mais especificamente para Catanduva -, ele disse que conhecia a família da sua época de estudante no Rio e gostaria de conhecer a arte. Então meu pai entrou, cursou alguns meses para saber como era, se havia violência ou não, e como era um esquema bem *light*, de defesa pessoal com técnicas e tudo mais, que o objetivo do Jorge era difundir o jiu-jitsu, a história do jiu-jitsu no interior de São Paulo, eu entrei. E também porque eu era um garoto (13/14 anos) meio nervoso ,briguento de rua, desses garotos que brigam chorando e isso que me levou, foi através do meu pai que eu fui para o jiu-jitsu.

Professor II: Para falar a verdade, foi uma falta de opção, porque na minha época antes de fazer jiu-jitsu, eu fazia karatê e, como uma vez eu briguei com minha irmã e acabei usando, meu pai me tirou e como eu era sócio do SESI, tive curiosidade e comecei na verdade a fazer judô, só que de repente eu vi uma aula diferente dentro do judô, e eu optei por essa aula que era o jiu-jitsu, de lá para cá isso virou uma paixão e eu nunca mais parei.

Professor III: O que motivou realmente o meu ingresso no jiu-jitsu foi que eu tinha um problema sério de bronquite e precisava fazer algum tipo de exercício fora a natação. Aí comecei a ver algumas aulas de jiu-jitsu e me interessei por ele por causa do condicionamento físico, muita respiração, ele trabalha o corpo inteiro também, o corpo todo. Então isso que motivou meu ingresso no jiu-jitsu.

Professor IV: O interesse pela filosofia das artes marciais.

Professor V: Eu era praticante de judô, e o meu professor me incentivou a praticar jiu-jitsu, exatamente pelo jiu-jitsu estar completando o judô como esporte, porque eu visava muitas competições de judô, então ele me incentivou a treinar jiu-jitsu para estar completando a parte de solo.

3ª Questão:

Qual o seu conceito de violência?

Professor I: Eu acredito que a violência é uma insegurança, muitos motivos podem levar a violência. A violência gratuita como tem acontecido de um sujeito olhar para o outro e sem motivo, como se não gostasse do cheiro do outro, aqueles motivos que a gente vê hoje e que parecem muito pouco inteligentes, um sujeito olha para o outro e diz:

- Que foi?

O outro:

- Que foi? Que foi?

E o primeiro:

- Que foi? Que foi? Que foi?

E aí pronto! Já estão rolando os dois... Então não é por aí. Com certeza eu acredito que é uma falta de segurança, o sujeito quer provar para ele mesmo que é valente, ou pra quem está com ele, né? Ele quer provar que não é medroso, não é covarde e isso aí é que acaba gerando a violência.

Professor II: Todo e qualquer ato praticado contra o livre arbítrio de qualquer pessoa.

Professor III: Violência para mim é você sair na rua e brigar sem motivo algum, sair agredindo as pessoas por exemplo no trânsito, acontece alguma barbeiragem, o pessoal já sai do carro querendo brigar, já quer bater um no outro, já quer agredir, já quer dar tiro...

Professor IV: Violência é uma forma de agressão contra uma pessoa que não saiba como se defender, contra uma pessoa despreparada, e que não tenha os mesmos conhecimentos que você.

Professor V: Violência é qualquer ato, que não se meça consequência do que vai acontecer e sem uma causa, o cara agride uma pessoa, pelo ego, assaltos que acontecem direto por aí, visando algo que não é dele.

4ª Questão:

As atividades desenvolvidas em sua academia incitam a violência fora dos tatames ?

Professor I: Não ,muito pelo contrário, muitas vezes eu acho que eu tô ficando velho, e estou até um pouco repetitivo, eu pareço um padre com relação à violência. Muitas vezes eles comentam que houve briga em determinado bar, determinada festa e eu sempre procuro saber se eles estiveram envolvidos, eu chego até de uma certa forma a ameaçar meus alunos. Eu não quero que eles participem dessas brigas e sejam envolvidos. Eu procuro saber se participou, se tem até testemunhas de que ele fez como legítima defesa, porque eu não quero saber dos meus alunos peitando os outros na rua e provocando briga, eu acho que não é por aí.

Professor II: Olha, para dizer a verdade, eu acredito que isso nunca tenha aqui, até porque eu sou tido como um dos professores mais severos com relação a disciplina, então qualquer tipo de ato violento que é partido de um aluno meu, que não tenha sido motivado por defesa pessoal e extremamente necessário, o aluno será punido com a expulsão da academia!

Professor III: Não, nenhuma !

Professor IV: Não, de nenhuma forma!

Professor V: Não, fora das aulas o pessoal que procura a academia, a gente procura direcionar a cabeça deles pro jiu-jitsu, pra arte marcial, e não para violência em si. Que é o que vem acontecendo na mídia, e o pessoal vem falando. Aqui dentro da academia a gente procura direcionar o esporte e orientar as pessoas que vem a cabeça diferente para que elas tomem o caminho certo.

5ª Questão:

Na sua visão os atletas podem ter sido influenciados pela modalidade (jiu-jitsu) para o desenvolvimento da violência ?

Professor I: Eu acho que, como o jiu-jitsu está atualmente mais na mídia, pode parecer que ele esteja influenciado, mas eu acho que sempre teve essa violência meio camuflada com outras artes também, com a capoeira, o taekwon-do, o karatê, mas eu acho que tudo depende da orientação que eles possam estar tendo, ou a falta pelo seu professor. Acredito que os culpados disso são os professores que não orientam, que não punem, que não sabem, cobram do aluno um comportamento mais pacífico, é claro que tem outros fatores por trás, desde família, escola, um monte de coisas pode influenciar essa violência, mas eu não acredito que o jiu-jitsu possa estar influenciando não. Têm péssimos professores em todo lugar, não acredito que seja só o jiu-jitsu.

Professor II: O jiu-jitsu não, os maus professores. Eu acredito que o que tem motivado o uso da violência dentro do jiu-jitsu no primeiro lugar, é a impunidade que reina solta no país, você sabe que hoje em dia só vai para cadeia preto e pobre, fora isso dificilmente alguém vai em cana.

O porquê além da impunidade, eu acredito que a violência está diretamente ligada ao uso de esteróides anabolizantes. Como você sabe, aumentando a taxa de testosterona no organismo, aumenta também a agressividade, e como muitos dos lutadores de renome e não picaretas estão fazendo uso desses esteróides, eles estão tendo um comportamento violento dentro e fora dos tatames, então esse é um tabu, um mito que nós vamos ter que quebrar, a violência não parte só dos picaretas, e sim de muitos professores de renome.

Professor III: Não, o jiu-jitsu, não. O que eu acho que influencia muito são os professores, são alguns profissionais.

Isso para mim acontece em qualquer área, não só no jiu-jitsu, no karatê, no taekwon-do, na capoeira, sempre tem algum, é o professor. Eu acho que o professor é o espelho do aluno.

Professor IV: Eu acredito que o jiu-jitsu em si é uma arte que te dá uma certa segurança, mas a modalidade em si não incentiva ninguém a ser violento, quem incentiva são os professores mal preparados e que às vezes passam esse tipo de filosofia para seus alunos, isso é que ocasiona a violência, e não a modalidade em si.

Professor V: Com certeza, como eu já falei, o jiu-jitsu te dá uma segurança muito grande, e a própria mídia também dá uma força pra que isso ocorra, por exemplo: você liga a televisão de jiu-jitsu e violência, um cara dá um tiro – o cara era lutador de jiu-jitsu -, então o pessoal começa a procurar academia, o pessoal que já tem a cabeça um pouco mais agressiva e já começa a pensar:

- Pô, vou aprender porque é o esporte da morte, o nego faz, vai lá e bate!!

6ª Questão:

Você poderia estabelecer o limite entre a agressividade necessária a um lutador e a violência deliberada?

Professor I: O jiu-jitsu deve ser praticado como um esporte, então ele se divide em jiu-jitsu esportivo, tem a parte da defesa pessoal, e tem a parte do vale-tudo do jiu-jitsu. O vale-tudo só é ensinado depois que a gente já conhece bem o aluno, sabe quais são os objetivos dele na academia, agora pra competir no jiu-jitsu esportivo ele tem que ter uma certa dose de adrenalina, ele vai procurar lutar cumprindo e obedecendo as regras. É uma agressividade canalizada para um melhor rendimento, ele vai procurar se aproveitar dos pontos fracos do adversário para tentar vencê-lo, tentar marcar um maior número de pontos. Agora a

violência deliberada é como eu falei anteriormente, aquela coisa que não faz muito sentido, parece que ele quer provar algo ou se testar.

- Será que tudo o que eu treinei na academia funciona mesmo?
- Como é que eu me saíria numa briga contra 1,2,3?

A impressão que dá é que eles querem se testar e covardemente, dificilmente ele vai se testar sozinho enfrentando mais de um, ele está sempre em grupo, batendo em um número menor, isso é que entristece a gente, então não deve ser essa a verdade.

Professor II: A única agressividade que eu acho necessária a um lutador, é aquela expressa quando ele está em defesa da própria vida ou a de outra pessoa, fora isso eu não vejo necessidade de violência, nem mesmo em campeonatos.

Professor III: Eu acho que você precisa ser agressivo entre aspas, dentro do tatame, dentro do dojô, nos seus limites, com regras. Saiu disso, de dentro do tatame, essa agressividade já é violência, eu já não concordo.

Professor IV : Eu acho que a agressividade que o lutador tem que ter é dentro da luta, no momento da luta, ou seja essa agressividade deve estar ligada a vontade de vencer , mas não a vontade de vencer a qualquer preço, não estaria ligado a isso, à vontade de machucar o adversário, simplesmente vencer dentro das regras que o esporte permite.

Professor V: É o seguinte, o jiu-jitsu te dá uma segurança muito grande, em termos de auto-defesa, no caso de você agredir uma pessoa, com certeza você vai se dar bem. Então ele te dá essa segurança. E com isso tem certas pessoas que não conseguem se controlar. Elas começam a achar que são demais, e saem procurando briga nas ruas. Então o que a gente procura fazer é direcionar essa agressividade, essa violência para campeonatos. A gente procura trazer, canalizar pro campeonato e não pra rua.

7ª Questão :

Baseado em fatos ocorridos nos últimos anos, como você explicaria tais acontecimentos?

Professor I: Há pouco tempo, teve o fato até de um Gracie em uma dessas brigas, e quando perguntaram para o patriarca da família, o professor mais velho no momento, que é o Hélio Gracie, o que ele achava, ele falou uma coisa que é uma grande verdade: que esse rapaz, esse Gracie que é agressivo, deveria ter sido punido na primeira vez que ele errou, e ele não foi. Eles forma condescendentes e deixaram pra lá, e aí ele está hoje agredindo e batendo em todo mundo. Ele deveria na época ter sido seriamente punido. Eu acredito que em todo o lugar, toda a família tem aquela ovelha negra, como se diz.

Estes fatos entristecem, denigrem a imagem do jiu-jitsu. E se o homem comum, o povo tomam uma atitude dessas já é alarmante. Agora, um dos membros da família que criou de certa forma nos moldes brasileiros, me deixa mais triste ainda, é uma pena que isso venha a acontecer.

Professor II: Falta de orientação, deformação do caráter por parte dos professores desqualificados – mesmo os que tem um certo nome no mercado- , impunidade, falta de pulso das federações que não seguem as determinações da Confederação Brasileira, enfim, acredito que o que está acontecendo agora no jiu-jitsu, nada mais é do que um reflexo do que acontece na sociedade como um todo.

Professor III: É a pressão do estresse que esse lutador vive, não na academia mas no dia-a-dia, eu acho. Na casa dele, no trabalho, na família, ele teria que saber lidar melhor com isso, é meio psicológico, não confundir muito as coisas.

Professor IV: Primeiro é a vontade que o cara tem de aparecer na mídia, infelizmente a mídia dá um certo respaldo aos chamados “bad boys” do mundo esportivo, daí você tem o exemplo do Edmundo e de outros praticantes de modalidades esportivas, e o cara começa a ver que essas pessoas que são violentas tão aparecendo e chamam a atenção, então isso faz

com que o cara ache que vai chamar a atenção principalmente das mulheres e vai ser temido pelos homens, isso faz com que o cara se torne violento, é uma falta de sensação de segurança.

Professor V: O auto controle, um crescimento muito grande do jiu-jitsu, e maus professores, isso acontece muito, o pessoal que não é habilitado a dar aula, o cara treina 6, 7 meses , é um faixa azul que o pessoal já está dando faixa de tudo o que é jeito, e começa a dar aula , só que é uma pessoa que não tem capacidade, não tem conhecimento da parte de educação física, e o negócio dele é só o jiu-jitsu, a porrada, então se ele está batendo em alguém na rua ele é bom, ele vai chamar aluno, então esses falsos professores são a pior parte o que traz a maior agressividade para o jiu-jitsu.

8ª Questão :

Que tipo de alunos têm chegado às academias e que tipo de expectativas eles trazem?

Professor I: Nós recebemos alunos de todas as idéias. Quando eles entram, eu pergunto o que o trouxe, porque ele está começando, muitos tem amigos que treinam, muitos já treinaram em outras academias, alguns querem entrar para aprender a se defender, mas a maioria vem pelo esporte, vem para conhecer o jiu-jitsu, por ser uma arte marcial relativamente simples e altamente eficiente com um conteúdo muito rico em alternativas e variáveis. Aprender o jiu-jitsu e lutar bem é um desafio, é como um jogo de xadrez em velocidade: o sujeito, para se sair bem, tem que ser inteligente pois ele tem que pensar rapidamente em muitas variáveis, tudo acontece muito rápido. Mas eu tenho sentido que a maioria dos alunos vem para conhecer o jiu-jitsu e praticá-lo como esporte. Eu tenho tido alguns pais que me procuram, às vezes na saída da academia, dizendo que o filho quer treinar, mas como ele ouviu na televisão ou leu na “Veja” sobre o jiu-jitsu, ele gostaria de ouvir a minha opinião e ela tem sido esta : Que o que falta lá fora é um pouco de orientação, se o garoto tem uma boa orientação em casa, ele foi bem criado, é um menino educado, está acostumado a fazer amigos, ser humilde, que tenha disciplina, que obedeça,

coisas que ele tem que trazer da casa dele, ele tem tudo para ser um bom aluno, um bom atleta, um campeão.

Professor II: São as mais variadas, eu tenho alunos das camadas mais simples da sociedade, até das mais altas. Eu tenho alunos que são juízes de direito e alunos que são coletores de lixo. Enfim a nossa academia tem uma pluralidade social.

Professor III: Os alunos que realmente estão me procurando, vêm mais para competição, sua expectativa é de serem futuros campeões, todo mundo sonha com isso, só que eu deixo bem claro para eles que precisa trabalhar muito, precisa ser muito humilde, não vai ser do dia para noite.

Professor IV: Bom, chegam alunos de todo tipo, desde as pessoas que vem praticar jiu-jitsu simplesmente para estar praticando uma atividade, e chegam os alunos com a intenção de aprender uma forma de luta que seja eficiente para poder sair na rua dando uma de machão, mas aí vai do professor estar sabendo como lidar com esse tipo de aluno.

Professor V: Minha academia tomou um rumo bem competitivo, por resultados de campeonato, a maioria do pessoal que vem me procurar, é mais o pessoal que pretende seguir no esporte e que está afim de competir, gosta de competir, o pessoal até briga comigo:

- Não vai ter campeonato?

Então o pessoal pegou esse clima , tem um pessoal que treina por esporte , para fazer uma atividade física , mas o principal é visando competição que o pessoal vem me procurar.

9ª Questão :

Como vocês têm lidado com os alunos violentos? E os reincidentes?

Professor I: A gente procura “catequizar” esse alunos violentos, até mesmo ameaçando. Eu tenho alguns que já cheguei a ameaçar mandar embora – “olha se acontecer, se eu ficar

sabendo, eu mando embora da academia sumariamente” . Eu não quero saber de uma maçã podre no meio de tanta gente boa que a gente tem aqui; e eu ameaço até mais, vou além, ‘como eu conheço todos os professores de Campinas, alguns deles forma meus alunos, eu sempre digo que esse aluno se for mandado embora, não treina mais em lugar nenhum, que eu passo a ficha dele pros demais companheiros professores, colegas e dificilmente os outros professores vão aceitá-lo também, porque ninguém quer essa imagem de academia que prepara para a violência, pra gangues de jiu-jitsu, muito pelo contrário, gostaria muito de ver o jiu-jitsu como esporte olímpico daqui a alguns anos. Nós temos atletas com potencial para isso.

Professor II :Como eu disse, se o aluno tem recuperação, se ele escutar nossos conselhos, nós estamos abertos para que ele mude seu comportamento, que eu acho uma das funções do jiu-jitsu, do professor de arte marcial, é ajudar o aluno a melhorar seu caráter, quando ele quiser ser ajudado . Caso ele se mostre reticente com relação a isso, ele não terá mais espaço em nossa academia.

Professor III: Eu já não aceito alunos violentos na minha academia, mas agora se aparece algum, eu procuro conversar, tento sentar com ele para saber o porquê dessa violência toda. Eu acho que a violência sempre tem um motivo, acho que vem de algum lugar, alguma coisa, então eu procuro sentar, conversar, agora se não tiver jeito, já é cortado da equipe, não aceito.

Professor IV: Bom, primeiro passando para ele que o esporte tem que ficar dentro da academia, o que você aprende no jiu-jitsu tem que ficar no dojô, segundo que se essa pessoa não se adequar a esse sistema, ela vai ter que procurar uma academia em que ele possa estar botando para fora esse lado animal , porque geralmente nas academias de boa índole isso não é passado, e não tem espaço para pessoas desse tipo.

Professor V: Bom, primeiramente a gente trabalha com uma massa de pessoas muito grande, se eu falar para você que não ocorrem incidentes, eu vou estar mentindo, realmente

ocorrem , o que a gente procura fazer é orientar a pessoa, explicar para ela o que acontece , e a primeira vez a gente dá uma chance , conversa com ele, dá uma orientada . A segunda vez que ocorrer que não foi um caso de defesa , porque hoje em dia todo mundo na rua, se você está numa boate, o cara te olha torto e sem motivo nenhum ele parte para cima de você. Então, tem essa parte da defesa , se o cara agiu pra se defender tudo bem, eu converso com ele, procuro saber, vou até nos lugares onde aconteceu para saber o que aconteceu mesmo, mas se ele tornar a ter uma atitude onde ele partiu para cima , ele quis dizer: - eu sou o cara! - Eu vou bater!

A gente põe para fora, porque vai trazer uma imagem ruim para academia.

10ª Questão :

Vocês tem percebido o surgimento dessa “contracultura” que idolatra a violência em todos os níveis ? Quais são as suas atitudes em relação a isso?

Professor I: É triste que isso esteja acontecendo, mas não é só no jiu-jitsu. Nós temos que pensar isso de uma maneira geral. Há pouco tempo fiquei sabendo que o meu filho que pratica judô, pela faculdade de medicina e foi a um campeonato onde o pessoal da medicina de São Paulo, todos os atletas usam esteróides. Fiquei bobo de ver o tamanho dos atletas, a força deles, e são futuros médicos, pessoas que sabem melhor que nós os prós e os contras, principalmente os contras de se tomar esses dopings; então a nossa orientação é para que não tomem. Estamos fazendo uma apostila de normas de conduta e um dos quesitos é de que o atleta, o aluno não lance mão de esteróides anabolizantes, nada que possa melhorar seu rendimento ou sua performance em competição ou treinamento. Sou contra isso, são métodos artificiais que vão causar prejuízos, é ilegal, não é correto e a nossa batalha é para que isso acabe. Acabar, acho que vai ser impossível. Alguns anos atrás, foi feita uma pesquisa numa determinada olimpíada, 1984, se não me engano onde perguntaram para um grupo de atletas se eles tomassem um doping que os fizesse campeões olímpicos, mas que os matassem, naquele ano, 50% responderam que o fariam. Então, vejam por aí, o pensamento do pessoal, eles acham mais importante serem campeões olímpicos e morrerem do que a própria saúde. Entrar para a glória do esporte, ser campeão e perder a própria vida.

Tem que haver um trabalho associado entre médicos, psicólogos e preparadores físicos para acabar com isso.

Professor II: Bom isso é inquestionável, que essa contracultura está surgindo mesmo, até já disse, eu acho que isso está diretamente ligado ao uso de esteróides anabolizantes, por causa de todos os males que ele causa a pessoa, desde insegurança psicológica, a necessidade de estar constantemente fazendo uso dessas drogas pra poder manter o corpo inchado e uma aparência forte, quando na realidade o que deveria ser forte é o interior da pessoa e não o exterior, mas eu acredito que as únicas atitudes que nós podemos ter com relação a isso, para reverter esse quadro, é denunciar, falar , e toda a vez que tivera oportunidade de orientar os jovens que isso é o caminho errado, é o que nós devemos fazer.

Professor III: Ultimamente os lutadores de jiu-jitsu tem achado que precisam “tomar bomba” (anabolizantes), para ser um campeão, e esse negócio de pitbull também é uma coisa que vai muito do atleta, eu tenho amigos meus que praticam jiu-jitsu, eles tem pitbulls e são mansinhos. Depende muito de cada atleta e de cada pessoa.

Professor 4: Isso é notório que está aparecendo muito mesmo, quem convive no meio esportivo, sabe que os anabolizantes esteróides são extremamente usados pelas pessoas principalmente dentro do jiu-jitsu, que é um esporte que requer um nível de força razoável, e a pessoa tem aquela sensação de que vai estar lutando melhor quem tiver uma força maior. E isso não é verdadeiro. Daí o outro lado, que andar com um pitbull não pega bem para um cara magricelo, então o que ele faz, toma, fica fortão, bota uma camiseta de jiu-jitsu, uma coleirinha no pescoço e se acha o dono da rua. Isso é uma coisa que também está ligada a má preparação da pessoa devido a professores despreparados.

Professor IV: Com certeza, acredito que o pessoal começa a treinar jiu-jitsu e já começa a entrar nos moldes que a mídia colocou. O que é um lutador de jiu-jitsu?

O lutador de jiu-jitsu é um cara que raspa a cabeça, que tem a orelha quebrada, anda de pitbull e cheio de marra andando na rua. E com isso ele já começa a se achar , ele perde a noção da realidade e ele acha que nada vai acontecer com ele, que ele pode com todo

mundo. Ele entra no parâmetro e acha que é só começar a treinar jiu-jitsu – às vezes faz 6 meses de jiu-jitsu, já tem uma noçãozinha – e sai brigando pela rua falando que é lutador, já aconteceu até casos de cara brigar na rua e falar que era da minha academia, nunca vi o cara, não sei quem é, só que é aquela coisa, a academia tem nome forte na cidade, o pessoal tem um nível alto. Então o pessoal fala que é daqui e sai brigando pela rua depois que taxam, é problema.

CAPÍTULO V

Análise das entrevistas:

A análise dos dados obtidos na entrevistas foi feita através da ocorrência em maior quantidade de palavras ou expressões relevantes e pertinentes à pesquisa, nas respostas dadas por cada profissional quando as mesmas foram agrupadas e cruzadas:

Pergunta 1: No seu entendimento qual é a filosofia do jiu-jitsu?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Não possui uma determinada, potencial físico, lógico, técnico e qualidade de vida.
II	Espírito flexível, mente aberta e ceder para vencer
III	Não violência, disciplina e o KA
IV	Saber lidar com situações adversas.
V	Segurança e condicionamento físico

Pergunta 2: Quais foram os motivos que motivaram o seu ingresso no jiu-jitsu?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Por causa do pai para acalmar, disciplina.
II	Falta de opção.
III	Condicionamento físico.
IV	Filosofia das artes marciais.
V	Para completar o judô.

Pergunta 3: Qual o seu conceito de violência?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Insegurança
II	Ato contra o livre arbítrio.
III	Agressão sem motivo.
IV	Agressão contra uma pessoa despreparada ou destreinada.
V	Ato sem medida de consequência

Pergunta 4: As atividades desenvolvidas em sua academia incitam a violência fora dos tatames ?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Não, somente em legítima defesa.
II	Não, somente em legítima defesa.
III	Não.
IV	Não.
V	Não.

Pergunta 5 : Na sua visão os atletas podem ter sido influenciados pela modalidade (jiu-jitsu) para o desenvolvimento da violência ?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Não, os professores e a mídia.
II	Não, os professores, a impunidade e os esteróides.
III	Não , os professores.
IV	Não, os professores.
V	Sim, e a mídia.

Pergunta 6 : Você poderia estabelecer o limite entre a agressividade necessária a um lutador e a violência deliberada?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Agressividade=rendimento Violência= ato sem sentido
II	Agressividade = defesa pessoal Dentro dos tatames= agressividade
III	Fora = violência
IV	Dentro dos tatames= agressividade Fora = violência
V	Dentro dos tatames= agressividade Fora = violência

Pergunta 7: Baseado em fatos ocorridos nos últimos anos, como você explicaria tais acontecimentos?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Impunidade.
II	Falta de orientação, impunidade, maus professores.
III	Estresse, pressão psicológica.
IV	Mídia.
V	Auto-controle, maus professores, crescimento desordenado da arte marcial.

Pergunta 8 : Que tipo de alunos têm chegado às academias e que tipo de expectativas eles trazem?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	A maioria pelo esporte.
II	Variadas.
III	Pelo esporte (competição)
IV	Tanto pelo esporte como os brigões.
V	Pelo esporte (competição)

Pergunta 9: Como vocês têm lidado com os alunos violentos? E os reincidentes?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Converso. Na reincidência mando embora da academia.
II	Converso. Na reincidência mando embora da academia.
III	Converso. Na reincidência mando embora da academia.
IV	Converso. Na reincidência mando embora da academia.
V	Converso. Na reincidência mando embora da academia.

Pergunta 10 : Vocês tem percebido o surgimento dessa “contracultura” que idolatra a violência em todos os níveis ? Quais são as suas atitudes em relação a isso?

<i>entrevistados</i>	Resposta de maior incidência
I	Sim, sou contra isso.
II	Sim, denuncio, oriento.
III	Sim
IV	Sim.
V	Sim.

Análise dos dados:

Analisando questão por questão, procurei cruzar as respostas de todos os professores afim de tentar através da busca por expressões relacionadas ao tema, entender os reais motivos da violência generalizada que tomou conta do jiu-jitsu.

Sobre a 1ª questão (No seu entendimento qual é a filosofia do jiu-jitsu?), não houve um único consenso entre os professores entrevistados. Surgiram diversas filosofias como potencial físico e lógico, qualidade de vida, disciplina, segurança, saber lidar com situações adversas. O que me leva a crer que não há uma filosofia em voga no jiu-jitsu, ela varia de professor para professor, além de haver uma “importação” de filosofias de outras artes marciais. Esse pode ser o primeiro motivo acerca do descontrole no jiu-jitsu.

Também na 2ª questão (Quais foram os motivos que motivaram o seu ingresso no jiu-jitsu?), faltou um consenso, os professores ingressaram nessa modalidade devido a

diversos motivos como incentivo paterno, falta de opção, condicionamento físico ou para completar outras artes marciais, podemos perceber que nenhum dos entrevistados procurou a arte como forma de se sobressair de forma agressiva a outras pessoas.

Já na 3ª questão (Qual o seu conceito de violência?) tivemos 4 incidências de uma mesma resposta - Ato contra o livre arbítrio de uma pessoa despreparada e sem motivo plausível – então conseqüentemente os professores têm uma conceituação bem próxima de violência.

Quando perguntados se as atividades desenvolvidas em sua academia incitam a violência fora dos tatames ? (4ª questão), ocorreu uma concordância geral de que nenhum dos atos desenvolvidos na academia incitam a violência fora dos tatames.

Na sua visão os atletas podem ter sido influenciados pela modalidade (jiu-jitsu) para o desenvolvimento da violência?, essa pergunta gerou um certo fato inusitado enquanto a maioria dos professores respondeu que o jiu-jitsu em si não influi no comportamento e sim os maus professores, a mídia, a impunidade e os esteróides; o último professor a ser entrevistado respondeu que sim, o jiu-jitsu por se tratar de uma arte altamente eficaz está influenciando o comportamento de alguns atletas.

Na 6ª questão: Você poderia estabelecer o limite entre a agressividade necessária a um lutador e a violência deliberada? Houve novamente uma harmonia nas respostas, os entrevistados sem exceção, acreditam que agressividade é relacionada a gana de vencer, de dominar o adversário em uma competição, e que a violência é todo ato agressivo praticado fora dos tatames.

Podemos identificar nas respostas à 7ª questão: Baseado em fatos ocorridos nos últimos anos, como você explicaria tais acontecimentos?, diversos motivos que podem estar levando o jiu-jitsu a esse descontrole generalizado que estamos presenciando atualmente, são eles: Impunidade e maus professores com 2 citações, além deles cabe ressaltar também a falta de orientação, a mídia e o crescimento desordenado e abrupto do jiu-jitsu sem um planejamento e organização prévios.

Quanto ao tipo de alunos que têm chegado às academias e ao tipo de expectativas que eles trazem, a resposta mais presente foi a expectativa de se tornar um atleta, ou seja, de utilizar a arte como um esporte, participando de competições.

Na 9ª questão: Como vocês têm lidado com os alunos violentos? E os reincidentes? Um terceiro consenso foi observado. Os professores responderam que após detectarem que o aluno tem ou demonstrou um comportamento violento, procuraram conversar com o mesmo, e, se essa conversa não surtiu efeito, esse aluno será expulso da academia.

Por último, na 10ª questão: Vocês tem percebido o surgimento dessa “contracultura” que idolatra a violência em todos os níveis ? Quais são as suas atitudes em relação a isso? , todos os professores responderam que têm percebido o surgimento dessa contracultura, entretanto nenhum dos mesmos conseguiu se expressar quanto às atitudes em relação a isso, somente um deles disse que deve-se denunciar às federações e tentar orientar esses alunos. Além disso, foram apontadas algumas possíveis causas pertinentes a mesma. A mais relevante foi os esteróides anabolizantes, um senso comum entre os professores como o causador de maiores danos físicos e psicológicos aos lutadores.

Capítulo VI

Considerações Finais:

Por fim, acredito que se possa extrair algumas conclusões de certa importância nesse trabalho de monografia de encerramento de curso. Como que falta ao Jiu-jitsu uma volta as raízes – tradições, filosofia e disciplina – além de uma maior troca de informações e experiências entre os professores, pois todos possuem um conceito plausível de violência – seus limites e definição –, além de, pelos menos nos depoimentos não demonstrarem incitar a prática da mesma.

Para os professores os maiores elementos instigadores de violência são: maus professores, a impunidade, a mídia, os esteróides anabolizantes, falta de controle emocional e psicológico, falta de controle das federações graças ao crescimento desordenado do Jiu-jitsu brasileiro.

Podemos concluir então, analisando as opiniões dos professores entrevistados que o jiu-jitsu em si não influencia o comportamento agressivo dos atletas e sim esses outros fatores.

Observei também algo positivo durante o período desse trabalho que a grande maioria dos professores entrevistados é formado, ou está se formando em Educação Física o que nos leva a crer que isso possibilite uma visão diferenciada do esporte e da arte marcial ao contrário de leigos que ministram essa arte.

Esse trabalho não se propõe a servir de referência como um estudo comportamentalista profundo do Jiu-jitsu brasileiro como um todo, em todos os seus aspectos e variações regionais, e sim, saber a opinião dos professores sobre os fatos lamentáveis que vêm cercando o jiu-jitsu, servindo assim como o pontapé inicial para que num futuro próximo, possamos vir a tê-lo como uma arte respeitada (como o Judô, que é oriundo do Jiu-jitsu porém muito mais bem conceituada), e porque não um dia um esporte olímpico – que é o sonho de todo atleta e amante do esporte em geral -, o que a tornaria com absoluta certeza a modalidade com maior número de medalhas para os brasileiros.

CAPÍTULO VII

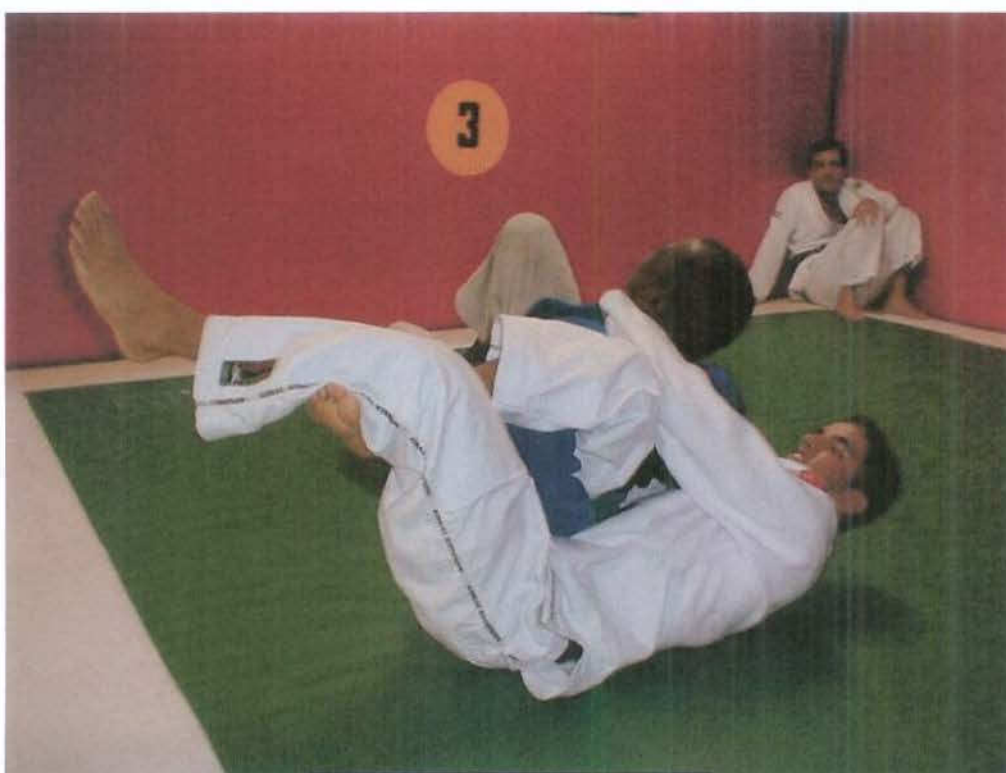
Referências Bibliográficas

- ALMEIDA,R. *O velho samurai*. Revista *Veja*, São Paulo,p9-13, outubro 1997.
- PEREIRA,J *Violência: Uma análise do “homo bruts”*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega, 1975.
- LAKATOS, Eva Maria – Marconi, M de Andrade *“Fundamentos de Metodologia Científica”*. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.
- ELIAS,N ; Dunning,E . *“Deporte y ocio em el processo de la civilización”*. Fondo de cultura economica, 1986.
- SAMULSKI, Dietmar. *“Psicologia do Esporte”*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFGM,1992.
- MACHADO,O.V.M. *“Ensino de ciência na escola de primeiro Grau”*. São Paulo, 1988 Dissertação (mestrado em educação)PUC. São Paulo.
- HUSMAN, B.F. & SILVA, J.M. (1984). *“Agression in Sport and Theoretical Considerations”*. Em SILVA, J.M. & WEINBERG, R.S. (edit). *Psychological Foundations of Sport*. Human Kinetics Publishers: Champaign, Illinois
- MARTINS,J; Bicudo A.V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo, Moraes,1989.
- SUAY, F., SALVADOR, A., GONZÁLEZ, E., SANCHIS, C., SIMÓN, V.M. & MONTORO, J.B. (1996). *“Testosterona y Evaluación de la Conducta Agresiva en Jovenes Judokas”*. *Revista de Psicología del Esporte*, n. 9-10, pp. 79-91.
- THOMAZ,D.; Tiezz,R. *Gracie a família invencível*, Editora Três, 1996.

ANEXO:



Mundial de Jiu-jitsu 2001: Ginásio da Barra da Tijuca – Rio de Janeiro



Crucifixo



Arm-lock: Chave-de-braço



Raspagem



Mundial de Jiu-jitsu 2001: Ginásio da Barra da Tijuca – Rio de Janeiro



Oneda



Mundial de Jiu-jitsu 2001: Ginásio da Barra da Tijuca – Rio de Janeiro

Faixas do Jiu-Jitsu:

• No jiu-Jitsu não existe um tempo estipulado para cada faixa:

• Aqui estão as faixas em ordem crescente:

- *1ª faixa: Branca*



- *2ª faixa: Azul*



- *3ª faixa: Roxa*



- *4ª faixa: Marrom*



- *5ª faixa: Preta – Lutador*



- *6ª faixa: Preta – Estagiário*



- *7ª faixa: Preta – Professor*



- *8ª faixa: Preta e Vermelha - Mestre*



- *9ª faixa: Vermelha - Grande Mestre*



REGRAS DO JIU-JITSU

O regulamento é a carta magna do esporte, nesta consta os **direitos e deveres**, de todos aqueles envolvidos, como atletas, técnicos-professores, dirigentes, e até mesmo o público assistente. Pois teremos a responsabilidade de cumprir e fazer cumprir este regulamento, pois, só assim, poderemos conquistar os nossos objetivos.

ÁREA DE COMPETIÇÃO: É toda a área que componha o palco da competição, que poderá ser composta de 2 ou mais áreas de lutas, com todo pessoal de apoio: direção dos trabalhos, arbitragem, cronometristas, fiscais, segurança e um **departamento disciplinar** convocado pela diretoria que atuará no julgamento no decorrer do evento, com poderes de punir qualquer conduta antiesportista ou ética de técnicos-professores, atletas, árbitros e de qualquer assistente que se mantenha no recinto da competição que esteja atrapalhando o bom andamento do evento em questão.

ÁREA DE LUTAS: Cada área (ringue) será composta de no mínimo 32 tatames, perfazendo um total no mínimo de 51,84 m², assim dividida: Área interna, (Área de Combate) composta de no mínimo 18 tatames de cor verde. Área de Segurança, composta de no mínimo 14 tatames de cor amarelo, vermelho ou qualquer cor diferente do verde.

MESA DIRETORA: Será a mesa de direção dos trabalhos da competição, onde ficará somente o locutor controlador das chaves e autoridades competentes; ficará ela, localizada à frente do ringue, devendo tanto quanto possível, ser uma mesa para cada área de luta. Paralelamente à mesa diretora ficarão as cadeiras para os Árbitros e Anotadores e somente eles poderão ocupar as essas cadeiras. Ao lado das cadeiras dos árbitros ficará uma mesa, que será ocupada pelo Fiscal da arbitragem. Cabe ao Fiscal da arbitragem fiscalizar o bom andamento da arbitragem, também fiscalizará as credenciais dos atletas da competição.

ARBITRAGEM: O árbitro central será a autoridade máxima dentro do ringue, não podendo ninguém mudar o seu resultado. Caso o árbitro mostre-se incapacitado de continuar a arbitrar pôr motivos de erros, os Fiscais do evento poderão troca-lo.

POSIÇÃO DOS ÁRBITROS, ANOTADORES, CRONOMETRISTAS E FISCAIS: Haverá mesas laterais em posição estratégica para o assentamento de toda essa equipe de trabalho.

DECISÃO DAS LUTAS

Não haverá empate, as lutas serão decididas pôr:

I Desistência

II- Desclassificação

III- Perdas dos sentidos

IV- Pontos

V- vantagens (combatividade)

I-DESISTÊNCIA

Desistência é a superioridade técnica que um dos atletas impõe ao adversário decretando sua derrota. Ela pode ocorrer nas seguintes hipóteses:

- Ao atleta que dá duas batidas com a palma da mão no adversário, ou no chão, ou em si próprio, de forma manifesta e visível;
- Ao atleta que estando com as mãos e os braços presos desiste com duas batidas com os pés no chão;
- Ao atleta estando com as mãos, braços e pernas presas, pedindo ao Árbitro que pare a luta;
- Ao atleta que se acidentando ou sentindo-se sem condições técnicas ou físicas, desiste pedindo ao Árbitro que pare a luta;

- Na categoria pré-mirim a infantil o Árbitro, verificando um golpe perfeitamente encaixado e na certeza que poderá expor o atleta a sérios danos físicos, interrompe parando a luta e dando vitória a quem deu o golpe;
- Quando o professor e técnico de um dos atletas, **reconhecendo** a derrota, pede a sua **desistência**, dirigindo-se ao Árbitro em voz alta e firme, pedindo para parar a luta ou ainda jogando a toalha na área de luta;
- Quando o Árbitro, verificando que um dos atletas acidentando-se ou ainda pôr determinação do médico da competição, ficando comprovada a impossibilidade de continuar a luta ou sangrando sem parar, dá a vitória ao adversário, desde que não tenha havido falta intencional de desclassificação.

II- DESCLASSIFICAÇÃO

FALTAS GRAVES:

1º) Faltas graves que acarretam desclassificação imediata pelo Árbitro:

1. Proferir palavras obscenas, de baixo calão, ou atitudes acintosas de imoralidade, ou desrespeito à mesa, ao Árbitro ou ao público.
2. Morder, puxar cabelos, golpes nos órgãos genitais, nos olhos, golpes traumáticos (socos, cotoveladas, joelhadas, cabeçadas, pontapé e etc.), aplicar chave de calcanhar ou chave que torça o joelho.
3. Quando o lutador tem seu kimono inutilizado e não o troque no prazo máximo determinado pelo árbitro, a fim de se evitar a interrupção excessiva da luta.
4. É proibido ao atleta iniciar o combate com as unhas grandes, kimono rasgado, descosturado ou sujo, camisa pôr baixo do kimono, ou ainda fora dos padrões exigidos, ou seja, manga apertada, ou curto no comprimento da manga e da saia. Nestes casos terá o atleta um tempo determinado pelo Árbitro para troca-lo, não o fazendo perderá a luta pôr desclassificação imediata.
5. É obrigatório o uso de sunga ou cuecas pôr baixo da calça do kimono, tendo em vista o risco de rasgar ou descosturar a calça, caso ocorra algumas destas hipóteses, o atleta terá um tempo determinado pelo Árbitro para vestir outra calça. Não o fazendo neste prazo, será desclassificado imediatamente.

6. Quando o atleta tendo um golpe encaixado e para evitar bater e assim perder o combate, foge deliberadamente para fora da área de combate. Neste caso será desclassificado imediatamente.

Neste caso específico por ser uma falta técnica e não disciplinar o atleta pode voltar a lutar no caso de chave de 3 ou absoluto.

FALTAS NÃO CONSIDERADAS GRAVES

2º) Punição: Na 1ª advertência o atleta será chamado a atenção, Na 2ª advertência o atleta recebe a punição com 1 vantagem para o adversário. Na 3ª advertência o atleta recebe a 2ª punição com 2 pontos para o adversário e sucessivamente até a desclassificação. Após a 3ª advertência o Árbitro poderá desclassificar a qualquer outra falta.

1. O atleta só poderá ajoelhar-se quando já estiver segurado no kimono do adversário.
2. Quando o atleta ou ambos os atletas, em pé foge para as extremidades da área de luta, evitando o combate, ou quando na luta de chão, foge arrastando-se para fora do ringue, ou quando na luta de chão, foge do combate ficando em pé evitando luta no chão, ou propositadamente pisa fora da área de luta para ganhar tempo.
3. Quando o atleta foge do combate retirando, ou propiciando a retirada do próprio kimono, a fim de paralisar a luta para descanso ou evitar os ataques do adversário.
4. Quando o atleta segura na boca das mangas com os dedos virados para a parte interior das mangas, ou das calças, ou com as duas mãos na faixa do adversário.
5. Quando o atleta procura evitar o combate (amarrar a luta) segurando seu adversário sem procurar combater ou finalizar a luta, estando na guarda pôr cima ou pôr baixo, nas imobilizações em pé ou em qualquer posição que esteja nítida a falta de combatividade, terá depois de estabilizada a posição 30 segundos marcados à solicitação do Árbitro. Após este tempo, se o atleta não estiver tentado um ataque ou mudado de posição, perderá dois pontos, e a luta se reiniciará em pé, o mesmo

ocorrerá na segunda advertência, podendo ser desclassificado na terceira advertência.

6. Obs: Punição c/ perda direta de 2 pontos:

1. Quando o atleta foge deliberadamente do ringue evitando uma raspagem, que o árbitro considere que ia ser concretizada, ou quando o atleta foge do ringue evitando um golpe que ainda não estava encaixado e desta forma não se enquadra no artigo f) de Desclassificação

III - PERDA DOS SENTIDOS

Parágrafo Único: Um dos 2 é derrotado quando perde os sentidos pôr golpes permitidos, como pressão, estrangulamento, quedas, ou em casos de acidentes, em que o adversário não tenha cometido falta intencional de desclassificação.

IV - PONTOS

1º - Pontos positivos A competição pôr sua natureza impõe aos atletas a usarem suas habilidades técnicas, tentando finalizar ou neutralizar as do seu adversário, o ponto é a superioridade técnica que os atletas conquistam durante a competição através de colocações e pontos negativos do adversário.

Colocações:(a ordem do Árbitro) São posições conquistadas tecnicamente, e que se apresentam como as importantes em termos de estratégia de luta e finalização em golpes. Não havendo finalização, estas posições são assinaladas e convertidas em pontos através dos seguintes critérios:

1. **Projeção:** (quedas) É todo ou qualquer desequilíbrio do adversário, sendo este projetado ao solo de costas e lado, **2 pontos**. Caso o atleta A der uma queda e o atleta B cair de joelhos e o atleta A dominar pelas costas é 2 pontos. Caso o atleta A derrube o atleta B que não seja de costas ou de lado, terá que mante-lo no solo, ou pelas costas por trás durante 3 segundos para ganhar os pontos da queda.
2. **Passagem de guarda:** É quando o atleta estiver pôr cima do adversário, estando entre as pernas deste, preso ou não. Podendo, no entanto estar pôr cima de uma das pernas e sendo preso pela outra perna, aí consideramos a posição de meia guarda, a

passagem de guarda, é quando o atleta pôr cima passa para o lado do adversário, ficando na posição transversal ou longitudinal, do tronco e mantendo-o dominado, segurando o braço, a cabeça ou mesmo o tronco do adversário, e este sem meio de sair deste domínio estando de lado ou de costas no solo. **3 pontos**. OBS.: O atleta que estiver pôr baixo que não permitir este domínio, no decorrer da movimentação, emborcar, isto é, ficar de joelhos ou mesmo em pé, não será considerado passagem, e sim uma **vantagem**.

3. **Joelho na barriga:** É quando o atleta estiver pôr cima do lado e colocar o joelho na barriga do adversário que está pôr baixo, segurando o braço, a gola ou mesmo a faixa, dominando-o e a outra perna semiflexionada com o pé apoiado no solo. **2 pontos**. Obs.: Se o atleta que estiver pôr baixo, não permitir a colocação do joelho na barriga e se o de cima também não estiver com o pé apoiado no solo, não será considerado ponto, e sim uma vantagem.
4. **Montada:** É quando o atleta estiver pôr cima e montar em seu adversário com os joelhos e pés no solo, podendo este estar de frente, de lado ou até mesmo de costas. A montada poderá estar pôr cima de um dos braços do adversário, mas nunca pôr cima dos dois braços, neste caso não será considerado montada. Poderá também ser considerado montada colocando um dos pés no solo e a outra perna ajoelhada. **4 pontos**. Obs.: Não será computado ponto, quando os joelhos e os pés não estiverem no solo, e sim sobre a perna do adversário. Caso o atleta A der um triângulo na guarda no atleta B e cair montado no Triângulo é considerado raspagem e não montada.
5. **Pegada pelas Costas:** É quando o atleta pega seu adversário pelas costas, pegando pelo pescoço e os pés (calcanhares) apoiado pôr dentro das coxas do adversário, dominando sem permitir sair da posição. **4 pontos**. Obs.: Não será contado como ponto, se os dois calcanhares não estiverem pressionando a parte interna da coxa do adversário.
6. **Raspagem:** É quando o atleta estiver pôr baixo, com o adversário dentro de sua guarda (dentro das pernas) ou até mesmo meia guarda (prendendo uma das pernas do adversário com suas pernas) e consiga ir para cima do adversário, invertendo a posição, isto é, desequilibrando para o lado, para cima ou para trás. **2 pontos**. Obs.:

Não será considerada raspagem todo o movimento de inversão (capotagem) sem que seja partindo (iniciado) de dentro da guarda ou meia guarda do atleta que está pôr baixo.

2º -Pontos Negativos: (penalidades)

São pontos que um atleta perde na 3º advertência de fuga; pôr impossibilitar propositadamente a luta (amarrar a luta); pôr imobilizar além de 30 segundos sem procurar finalizar a luta. Imobilização: caso de imobilização clássica no sentido lateral, longitudinal sem iniciativa de finalização. Assim que o Árbitro perceber que a imobilização foi consolidada e que o atleta não está procurando a finalização e somente se limita a segurar o adversário, o Árbitro começará a contagem de 30 segundos, avisando simultaneamente ao atleta. Decorrido este período, o Árbitro determina o reinício da luta em pé e penaliza o atleta infrator com **2 pontos**.

V - VANTAGENS

É considerado vantagem quando o atleta não conseguir conquistar as posições fundamentais da luta como: Raspagem, Queda, etc.; e também, todas as iniciativas impostas ao seu adversário; tanto em pé como no chão:

- Quando um dos atletas demonstra tanto na luta em pé como na luta de chão tentativa de golpes, colocações iniciativas técnicas, levando o oponente a uma situação de defesa, então caberá ao Árbitro, a decisão da luta a favor daquele atleta que superou em vantagem seu adversário, o qual mostrou evidência de domínio durante o combate.
- Vantagem, no caso da luta em pé, será dada àquele atleta que procurar com maior ímpeto e virilidade e iniciativas de quedas ou de ataques de finalização durante a luta em pé.
- Vantagem no caso de luta no chão, será dada aquele atleta que com maior ímpeto, virilidade e técnica procurar levar seu adversário à atitude de defesa.
- Vantagem no caso da guarda dentro das pernas:
 - a. O que está pôr cima fará jus a esta vantagem se estiver em ofensiva, tentando dominar a guarda de seu adversário (passar), para que o Árbitro considere a vantagem o atleta que está pôr cima tem que chegar em posições de quase passagem, obrigando o adversário a gastar

grande energia para repor a posição. Ex: (meia guarda, quase conseguir a imobilização, conseguir emborcar e manter a posição pôr 3 segundos, etc...).

- b. O que está pôr baixo, fará jus a esta vantagem, se quase conseguir raspar, não conseguindo consolidar a raspagem, mas colocando o adversário em posição de perigo, também quando conseguir encaixar um golpe que leve perigo de finalização ao adversário. Obs. Para que a tentativa de raspagem possa valer como vantagem o atleta de baixo terá que abrir a perna tentando ir para cima do adversário.

IMPORTANTE Não ganhará novos pontos o atleta que estando em posição de domínio, já tendo conseguido os pontos daquela posição, abandona voluntariamente a posição para conseguir novos pontos. Exemplos: Estando fazendo joelho na barriga gira para o outro lado, não marcará novos pontos. A luta deve seguir uma condição crescente de desenvolvimento técnico, visando o domínio de um dos adversários, levando-o à desistência da luta, pôr aplicação de golpes de finalização. Não será computado ponto a favor de um atleta que esteja aplicando um golpe, ou esteja em posição de contagem de ponto, mas que esteja preso a outro golpe dado pôr seu adversário. Somente ao se libertar do golpe é que a contagem será positiva. Exemplo: Um atleta montado no adversário, mas tem a cabeça presa em uma gravata. Os pontos da montada, somente serão contados quando ele se libertar da gravata.

Pré Mirim a Infante Juvenil:

1. Nas categorias Pré Mirim, Mirim e Infante, o Árbitro Central poderá interromper o combate quando perceber que um golpe está perfeitamente encaixado e na certeza que poderá expor o atleta a sérios danos físicos, interferindo parando a luta e dando vitória a quem aplicou o golpe – que o fez tomar esta atitude. No caso do triângulo encaixado se o atleta ficar de pé retirando o oponente do chão o árbitro deverá se colocar de modo a proteger a coluna cervical do atleta que estiver sofrendo o ataque.
2. O Árbitro Central não permitirá nas categorias Pré Mirim ao Infante Juvenil os seguintes golpes:

De 04 a 15 anos:

- Bate Estaca.
- Chave de Bíceps.
- Mão de Vaca.
- Triângulo Puxando a Cabeça.
- Chave de Pé (qualquer tipo).
- Chave de joelho, Leg-Lock
- Cervical.
- Mata Leão de frente
- Manga Leão (Ezequiel).

De 04 a 12 anos:

- Omoplata.
- Gravata Técnica de Frente.

DIREÇÃO E DECISÃO DAS LUTAS :

1) O Árbitro Central, autoridade máxima do combate, verificará no início da luta, o comprimento das unhas dos atletas, o estado do kimono que terá no mínimo 10 cm de folga em torno do braço do lutador, limpos e se o nó da faixa e da calça estão bem apertados.

2) O Árbitro se colocará no lugar demarcado de frente para a Mesa Diretora, e o primeiro atleta a ser chamado ocupará o lugar à sua direita e receberá a faixa verde e amarela de identificação da arbitragem, o outro atleta ocupará a sua esquerda, ambos no local demarcado, e após as recomendações e cumprimento de praxe, ordenará o início da luta, erguendo o braço direito e dizendo "Combate".

3) Os lances técnicos das lutas, à ordem do Árbitro Central, serão anotados em placares ou papeletas próprias pelo anotador de acordo com os pontos correspondentes. Caso haja empate nos pontos ou vantagens determinados pelo Árbitro, ou não tendo havido pontos durante o combate, o anotador levantará as duas bandeiras, momento em que Árbitro Central, após analisar qual dos lutadores desempenhou maior performance, de acordo com o regulamento, jamais podendo fugir aos critérios do artigo 3º do item vantagem, dá a vitória ao atleta. Não haverá empate em hipótese alguma. Compete ao Árbitro Central determinar o vencedor da luta, sendo sua decisão soberana.

- 4) O anotador usará duas bandeirinhas sendo uma verde amarela (em desenho diagonal) e a outra branca.
- 5) O Árbitro é autoridade máxima e inquestionável dentro da área de combate, cabendo a ele unicamente o comando da luta e a possibilidade de desclassificação dos lutadores. A ninguém será dada a possibilidade de mudar a decisão do Árbitro.
- 6) As anotações nas papeletas serão de responsabilidade do anotador, não podendo quem quer que seja exceto o Árbitro Central, influir ou modificar as suas anotações. Após o resultado da luta somente o Árbitro poderá voltar atrás e modificar o resultado. Em casos especiais o Tribunal de Justiça Desportivo da CBJJ, poderá julgar e decidir no resultado, cumprindo os prazos legais.
- 7) Durante o transcorrer da luta, até que o anotador tenha levantado a bandeira é rigorosamente proibido a quem quer que seja, exceto o Árbitro, conversar com o anotador, o qual também não pode dirigir a palavra a outras pessoas exceto o Árbitro e este só poderá conversar com os lutadores, com o anotador e com a mesa Diretora.
- 8) Durante o combate o Árbitro Central, estará sempre dirigindo os lutadores para o centro da área de luta (ringue), caso perceba que os lutadores estão muito próximos à linha divisória conduzirá a luta para o centro, colocando uma mão em cada lutador e dizendo energicamente a palavra "PARE", os lutadores não poderão se mexer até que determine a continuação da luta. O mesmo ocorrerá quando os lutadores tenham até 2/3 (dois terços) do corpo para fora da área de luta. O Árbitro puxará os contendores para o meio, obedecendo à mesma posição em que estavam, caso o Árbitro tenha dificuldade de mover os atletas, o anotador, e somente ele, ajudará o árbitro.
- 9) Todos aqueles que estiverem em função oficial na competição, como técnicos, professores, diretores, árbitros, anotadores, mesários e cronometristas, estarão sujeitos a punições caso resolvam dar instruções aos lutadores dentro da área demarcada de competição e no caso de reincidência caberá o Árbitro Central desclassificar o atleta competidor.
- 10) Na luta em pé será válida a queda do adversário para fora da área de luta, ou seja, na área de segurança, desde que o atleta que a aplicou esteja com os dois pés dentro da área de luta após a dinâmica da queda. Tudo que acontecer em seguida não deve ser considerado pelo árbitro.

11) Quando um dos lutadores ou ambos saírem inteiramente para fora o Árbitro determinará o reinício do combate no centro da área, erguendo o braço direito e dizendo vigorosamente "combate".

12) O Árbitro não permitirá a interferência de terceiros durante a luta, o médico, enfermeiro ou massagista, somente poderão dar assistência quando solicitados e autorizados pelo Árbitro. 13) Não será permitida a chave de joelho, que torça o joelho. (desclassificação imediata).

14) Bate Estaca (bater com o adversário no chão quando estiver na guarda) ou quando o atleta estiver sofrendo um ataque de finalização. Ex: (triângulo, chave de braço, estrangulamento, etc...), não será permitido (desclassificação imediata).

15) Quando o atleta tenta dar uma Baiana (queda que agarra nas pernas e leva o adversário para o chão) e o oponente senta dando uma raspagem e é bem sucedido nesta raspagem, é ele que recebe os pontos, não sendo computado os pontos da Baiana.

16) Caso o atleta esteja passando a guarda, e o mesmo tente uma chave de pé, não conseguindo concluir e o adversário vem para cima, recebe uma vantagem àquele que veio para cima.

17) Se o atleta estiver ajoelhado com uma das pernas em pé e sofrer uma queda, quem deu a queda receberá os 2 pontos. Caso o atleta esteja com os dois joelhos no solo e o que está em pé, derruba-lo e passar para o lado mantendo a posição, contará como vantagem.

18) Quando o atleta é raspado e vira de costas para o que raspou não consolidar a posição, mais o que raspou consegue segura-lo indo para cima e se mantendo nas costas mesmo sem os ganchos, caracteriza a raspagem.

19) Quando um dos atletas consegue dar uma queda no outro, e caindo ao solo o que foi projetado pela queda consegue rolar e ir para cima. Conta os dois pontos de quem deu a queda e vantagem para o que foi para cima. Desde que o que deu a queda não caia na guarda, que contará como raspagem e valerá 2 pontos.

20) **IMPORTANTE:** Tudo e qualquer situação que possa acontecer que não estiver especificado neste manual de regras ficará a critério a decisão por conta do Árbitro central.

21) **OBS:** O Leg Lock, Mata Leão no pé e Chave de bíceps, só serão permitidas nas faixas Marrom e Preta

22) Mão de Vaca só poderá ser usada a partir da categoria adulto

- 24) A chave de cervical pelo risco que oferece, não vale para nenhuma categoria.
- 25) Se o atleta partir da guarda para a posição em pé derrubando o adversário será considerado raspagem, portanto o atleta deverá estabilizar a posição por cima para ganhar os 2 pontos.
- 26) Atleta menor de idade no caso Juvenil, só será permitido participar do absoluto quando for acima do peso médio .
- 27) No caso do uso de sapatilha o atleta deverá comprovar a sua necessidade com atestado médico, e deverá ser uma sapatilha sem sola de borracha.